

## Florestan Fernandes e os Panteras Negras



Por PAULO FERNANDES SILVEIRA\*

### *Comentário sobre uma entrevista do sociólogo*

Em julho e agosto de 1995, poucos dias antes do erro médico que tiraria a vida de Florestan Fernandes, o jornalista Paulo Moreira Leite fez duas instigantes entrevistas com o sociólogo. Alguns excertos foram publicados nesse mesmo ano: na revista *Veja*, em 9 de agosto, e no *Jornal da Tarde*, em 19 de agosto. Anos depois, Leite revisitou esses trabalhos no ensaio “O mestre que veio de baixo”.[\[i\]](#)

Entre os temas analisados por Florestan Fernandes nessas entrevistas está a perseguição política e policial que os Panteras Negras sofreram nos anos 1960 e 1970. O excerto que trata dos Panteras Negras não foi incorporado nas publicações de Leite, razão pela qual decidimos publicá-lo a partir do arquivo com as transcrições originais das entrevistas.[\[ii\]](#)

O Partido Panteras Negras para Autodefesa foi criado em outubro de 1966,[\[iii\]](#) após um longo período de protestos pacíficos nos Estados Unidos contra a segregação racial e em defesa dos direitos civis.[\[iv\]](#) Em diversas ocasiões, os grupos supremacistas brancos reagiram com violência. Em resposta às manifestações organizadas por jovens secundaristas e universitários, como as *sit-ins* e as *freedom rides*, pessoas associadas à Ku Klux Klan promoveram atentados e assassinatos.

Como destacam Kwame Ture (Stokely Carmichael) e Charles Hamilton, autores do livro *Black power: a política de libertação nos Estados Unidos*, a polícia também coibiu os protestos pacíficos com extrema violência.[\[v\]](#) Num discurso com o título “O voto ou a bala”, realizado em abril de 1964, Malcolm X [\[vi\]](#) questionou a eficácia das estratégias pacíficas de protesto contra a segregação racial. Alguns meses depois, ele foi assassinado.

Inspirados nos discursos de Malcolm X, mas também nos livros de Fanon, negras e negros dos Panteras Negras, em sua maioria, jovens estudantes universitários, vislumbram outras alternativas de resistência. Tratava-se de defender o poder negro! Num tom de desabafo, afirma Kwame Ture: “de uma vez por todas, as pessoas negras vão usar as palavras que quiserem e não as palavras que os brancos querem ouvir”.[\[vii\]](#) Em seu programa, os Panteras Negras exigem o fim imediato da brutalidade policial e dos assassinatos à população negra.[\[viii\]](#) Pautados pela Segunda Emenda à Constituição, os Panteras Negras justificam o uso da violência como forma de autodefesa, ou melhor, eles advogam pela contraviolência.

No primeiro capítulo de *Os Condenados da terra*, Frantz Fanon faz uma reflexão cuidadosa sobre a violência dos opressores e a contraviolência dos oprimidos nas lutas históricas pela descolonização.[\[ix\]](#) Na mesma perspectiva, Huey Newton, militante e teórico dos Panteras Negras, aponta para a relação entre a brutalidade policial e o fervor revolucionário da comunidade negra: “quando as coisas apertam, as pessoas oprimidas sentem a necessidade da resistência e da revolução”.[\[x\]](#) Justamente por serem os mais afetados pela opressão, tanto para Fanon quanto para os Panteras Negras, os miseráveis, aqueles que Karl Marx afirma fazer parte do *lumpenproletariat*, podem se tornar sujeitos fundamentais num processo revolucionário. [\[xi\]](#) Em maio de 1971, quando ainda se encontrava presa numa cadeia da Califórnia, a pantera negra Angela Davis enfatiza: “Já existe nas comunidades negras e pardas, o *lumpenproletariat* incluído, uma longa tradição de resistência coletiva à opressão nacional”.[\[xii\]](#)

Desde cedo os trabalhos acadêmicos de Florestan Fernandes aproximaram-se dos grupos organizados do movimento negro. Em 1950, Florestan fez parte da comitiva paulista que participou, no Rio de Janeiro, do 1º Colóquio do Negro

# a terra é redonda

Brasileiro, coordenado pelo Teatro Experimental do Negro (TEN).[\[xiii\]](#) No início dos anos 1950, Roger Bastide e Florestan foram encarregados de dirigir a pesquisa UNESCO sobre as relações raciais na cidade de São Paulo. Essa pesquisa contou com a contribuição de diversos militantes do movimento negro.[\[xiv\]](#)

A primeira edição do Caderno de Cultura da Associação Cultural do Negro (ACN), publicado em 1958, registra um agradecimento a Florestan por uma conferência sua realizada na associação.[\[xv\]](#) Além de orientar as pesquisas de doutorado de alguns dos seus principais alunos sobre a questão racial no Brasil,[\[xvi\]](#) Florestan Fernandes divulgou e analisou no meio acadêmico e na grande imprensa as demandas e as produções de intelectuais ligados ao movimento negro.[\[xvii\]](#)

No final dos anos 1970, ao voltar do exílio nos Estados Unidos e no Canadá, Florestan participou de encontros com jovens universitários ligados ao efervescente movimento negro socialista que começava e despontar naquele momento no Brasil.[\[xviii\]](#) Entre outros escândalos de racismo e de violência policial, a tortura e assassinato do comerciante negro Robson Silveira da Luz, retratada num artigo do jornalista e militante Hamilton Cardoso,[\[xix\]](#) motivaria uma enorme manifestação de protesto, no dia 7 de julho de 1978, em frente ao Teatro Municipal de São Paulo. Com a presença de lideranças negras de diversas gerações, essa manifestação foi um passo importante para a criação do Movimento Negro Unificado (MNU).

É provável que as posições defendidas pelos militantes das Panteras Negras tenham moldado a leitura e a incorporação que Florestan Fernandes faz dos livros de Fanon. Coordenador da Coleção Grandes Cientistas Sociais, publicada pela editora Ática, Florestan chegou a pedir, no final dos anos 1970, para Renato Ortiz elaborar um volume especial sobre Fanon.[\[xx\]](#) Em 1980, por reivindicação dos alunos, Florestan Fernandes ministrou uma aula com o título: "Nos marcos da violência". No final da sua explanação, Florestan argumenta que o papel do sociólogo militante é ajudar o operário a compreender que: "luta de classes é violência recíproca e que as classes trabalhadoras só podem liberar-se, em qualquer sentido e em qualquer direção, através do emprego maduro de sua capacidade política de usar construtivamente a violência revolucionária".[\[xxi\]](#)

No ano seguinte, Florestan publica *O que é revolução*. Nesse livro, Florestan sugere às pessoas revolucionárias que leiam e releiam o *Manifesto comunista*, de Marx, mas não como se fosse um catecismo, uma vez que, "o mundo histórico para o qual ele foi calibrado não existe mais."[\[xxii\]](#) Ao ser questionado sobre as condições de uma revolução socialista no Brasil atual, Florestan cita Fanon: "Esse é o grande dilema do cientista social: hoje você não tem como identificar uma classe que pareça vinculada à negação da ordem. Eu acredito que na periferia o problema é mais simples. São os trabalhadores e principalmente os excluídos, os que Frantz Fanon chamou de 'condenados da terra'. Eles contêm a radicalização maior, aquela que exige que a ordem existente seja virada de cabeça para baixo".[\[xxiii\]](#)

## **Excerto da entrevista de Florestan Fernandes a Paulo Moreira Leite, dia 2 de agosto de 1995.[\[xxiv\]](#)**

"Florestan Fernandes - Num país como os Estados Unidos, a severidade com que operam as forças da ordem é esmagadora. Eu estava no Canadá quando os Panteras Negras foram perseguidos, pude acompanhar o que de fato estava acontecendo através dos jornais do Canadá e dos Estados Unidos, através de fontes pessoais e nas minhas idas aos Estados Unidos.

Os Panteras usavam aquela arma como símbolo de autodeterminação, quer dizer, aquela era a marca de que eles se defenderiam e poderiam também atacar na defesa de certos princípios. Mas aqueles eram símbolos, na verdade, a atividade prática deles era muito mais assistencial, por exemplo, no Harlem.[\[xxv\]](#)

Paulo Moreira Leite - Eles faziam trabalho assistencial no Harlem?

Florestan Fernandes - Em várias regiões. Eles tinham consciência de que constituíam um grupo pequeno e que não poderiam propor uma solução revolucionária efetiva e imediata.

A elaboração do pensamento deles era complexa, porque fazia uma síntese entre conhecimentos da África e conhecimentos ocidentais. Em longo prazo, eles eram revolucionários, porque diziam que a alternativa do negro era atingir a igualdade que não estava na mudança gradual, mas em transformações profundas da ordem existente. Uma coisa é o que se pensa com relação a um futuro que é remoto e que pode definir princípios gerais de uma filosofia política, e outra coisa é pôr isso

# a terra é redonda

em prática com a ideia de estabelecer uma ponte entre o presente e o futuro de uma forma funcional, de modo que atingisse a população branca.

O que veio em seguida? Veio a insubordinação dos Panteras, que não aceitavam de uma forma passiva a dominação racial, eles acabaram sendo definidos como inimigos da ordem que deveriam ser destruídos. Então, o raciocínio básico era: o bom Pantera é o Pantera morto.

Paulo Moreira Leite - Eles mataram muitos.

Florestan Fernandes - A polícia era chamada e sobre isso tem muito material na imprensa norte-americana e canadense, nas revistas e agora também em análises.

Paulo Moreira Leite - Uma vez esteve um Pantera Negra na casa do senhor?

Florestan Fernandes - Eu omito.

Com essa ideia macabra de que o bom Pantera é um Pantera morto, quando os Panteras se reuniam em um local, em prédios de apartamentos, por exemplo, a polícia já era avisada e surgia ali para prender e levar para a cadeia, submeter a processo jurídico. Surgia atirando para exterminar".[\[xxvi\]](#)

\*Paulo Fernandes Silveira é professor da Faculdade de Educação da USP e pesquisador no Grupo de Direitos Humanos do Instituto de Estudos Avançados da USP.

## Notas

[i] LEITE, Paulo Moreira. O mestre que veio de baixo. In: LEITE, P. *A mulher que era o general da casa: histórias da resistência civil à ditadura*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2012, p. 76-91.

[ii] A transcrição das entrevistas está acessível para consulta na Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos. A cópia digitalizada desse arquivo me foi presenteada pelo meu amigo Diogo Valença de Azevedo Costa, professor e pesquisador da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

[iii] Seu nome original era Black Panther Party for Self-Defense. Sobre a história do movimento Black Power, conferir o livro: OGBAR, Jeffrey. *Black power: radical politics and african american identity*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2019.

[iv] Conferir sobre o tema dos protestos não-violentos: SILVEIRA, Paulo. Lutas e canções contra a segregação racial nos Estados Unidos, Jornal GGN, 19/02/2022. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/eua-canada/lutas-e-cancoes-contra-a-segregacao-racial-nos-estados-unidos-por-paulo-fernandes-silveira/>

[v] TURE, Kwame (Stokely Carmichael); HAMILTON, Charles. *Black Power: a política de libertação nos Estados Unidos*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

[vi] X, Malcolm. O voto ou a bala. In: X, Malcolm. *Fala*. São Paulo: UBU editora, 2021, p. 44-85.

[vii] TURE, Kwame (Stokely Carmichael). Que queremos, *Cuadernos de Marcha*, (edição especial sobre "El poder Negro"), n. 12, 119-125, abril de 1968. Disponível em: <https://anaforas.fic.edu.uy/jspui/handle/123456789/38806>

[viii] NEWTON, Huey. *To die for the people. The writings of Huey P. Newton*. New York: Vintage Books, 1972, p. 4.

[ix] FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Sobre a contraviolência em Fanon, conferir o texto: BUTLER, Judith. Violencia, no violência. Sartre en torno a Fanon. In: FANON, Frantz. *Piel negra, máscaras blancas*. Madrid: Ediciones Akal, 2009, p. 193-216.

[x] NEWTON, Huey. *To die for the people. The writings of Huey P. Newton*. New York: Vintage Books, 1972, p. 18. Sobre a influência de Fanon nas posições de Huey Newton, conferir o livro: SEALE, Bobby. *Agarrar el tiempo. La historia del Black Panther Party y Huey P. Newton*. Madrid: Postmetropolis Editorial; Euro-Mediterranean University Institute, 2018, p. 39-49.

[xi] Segundo Marx, nas insurreições de 1848, pessoas do *lumpenproletariado* lutaram por dinheiro contra operários franceses: "Com essa finalidade o governo provisório instituiu os 24 batalhões da *Guarda Móvel*, cada um composto de mil homens recrutados entre os jovens de quinze a vinte anos oriundos, em grande parte, do *lumpenproletariado*, que, em

# a terra é redonda

todas as grandes cidades, compunha uma massa que se distinguia claramente do proletariado industrial e na qual eram recrutados ladrões e criminosos de todo tipo, que viviam das sobras da sociedade, gente sem trabalho fixo, vadios (...), capazes dos maiores heroísmos e da mais exaltada abnegação, bem como do mais ordinário banditismo e da mais nojenta venalidade." MARX, Karl. *As lutas de classes na França*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012, p. 55.

[xii] DAVIS, Angela. (Ed.). *If they come in the morning: voices of resistance*. London; New York: Verso, 2016, p. 36. Tradução do capítulo citado disponível em:

<https://revistageni.org/11/prisioneirxs-politicxs-prisoes-e-libertacao-negra/?fbclid=IwAR2m6qHT1MtIdArJ-joeSis3OLcRfN3GGBoEhh6ah5i4vm2RUySP4SCTQ0E> Os Panteras Negras pretendiam ser representantes da massa proletária (*lumpemproletariat*): TURE, Kwame (Stokely Carmichael). *Stokely fala. Do poder preto ao pan-africanismo*. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2017, p. 219. Sobre o poder revolucionário do *lumpemproletariat* para os Panteras Negras, conferir o texto: CLEAVER, Eldridge. *On the ideology of the Black Panther. Part 1*. São Francisco: Ministry of Information Black Panther Party, 1967. Disponível em:

<http://www.freedomarchives.org/Documents/Finder/Black%20Liberation%20Disk/Black%20Power%21/SugahData/Books/Cleaver.S.pdf> Tradução disponível em: <https://traduagindo.com/2019/05/26/sobre-a-ideologia-do-partido-dos-panteras-negras/>

Os Panteras Negras chegaram a ter uma banda de soul com o nome *The Lumpen*, conferir o livro: VINCENT, Rickey. *Party music: the inside story of the Black Panthers' band and how black power transformed soul music*. Chicago: Chicago Review Press, 2013. Entre 1970 e 1972, em apoio aos Panteras Negras, universitários alemães editaram o periódico *Voice of the Lumpen*. Disponível em: <https://content.wisconsinhistory.org/digital/collection/p15932coll8/id/35459>

[xiii] Conferir reportagem: "1º Colóquio do Negro Brasileiro", *Jornal Quilombo*, ano II, n.10, 3, jun-jul 1950. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-10/> Nessa edição, o nome de Florestan Fernandes está registrado como: Florestino Fernandes.

[xiv] Conferir o livro: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Anhembí, 1955.

[xv] Conferir o texto assinado pela Diretoria executiva da Associação Cultural do Negro: "O ano 70 da Abolição", *Cadernos de Cultura da ACN*, n. 1, 4, 1958. Disponível em: <https://lemad.fflch.usp.br/node/43>

[xvi] Entre os doutorados orientados por Florestan sobre o tema destacam-se: CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003; IANNI, Octávio. *As metaformoses do escravo: apogeo e crise da escravatura no Brasil Meridional*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

[xvii] Alguns desses textos de Florestan encontram-se nas coletâneas: FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Divisão Europeia do Livro, 1972; FERNANDES, Florestan. *Significado do protesto negro*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989.

[xviii] Sobre esses encontros de Florestan com o movimento negro, conferir a entrevista de Milton Barbosa (Miltão): DALLE, Isaías. Miltão, do Movimento Negro Unificado: "Com certeza, vamos avançar", *Periferias. Fundação Perseu Abramo*, 29/12/2020. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2020/12/29/miltao-do-movimento-negro-unificado-com-certeza-vamos-avançar/>

[xix] CARDOSO, Hamilton. Cerimônias para o assassinato de um negro, *Jornal Versus*, n. 22, 38-39, jun-jul 1978. Disponível em: <http://www.marcosfaerman.jor.br/Versus22.html?vis=facsimile> Sobre os trabalhos e a militância de Hamilton Cardoso, conferir o artigo: OLIVEIRA, Fábio; RIOS, Flávia. Consciência Negra e Socialismo: a trajetória de Hamilton Cardoso (1953-1999), *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 4, n. 2, 507-530, 2014. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/249>

[xx] Conferir sobre esse tema: ORTIZ, Renato. Frantz Fanon: um itinerário político e intelectual, *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 4, n. 2, 425-442, 2014. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/241>

[xxi] FERNANDES, Florestan. Nos marcos da violência. In. FERNANDES, F. A ditadura em questão, São Paulo: T. A. Queiroz, 1982, p. 162. Sobre a contraviolência em Fanon e Florestan, conferir o texto: SILVEIRA, Paulo. A contraviolência

# a terra é redonda

em Fanon e Florestan, *Psicanalistas pela democracia*, janeiro de 2019. Disponível em: <https://psicanalisedemocracia.com.br/2019/01/a-contraviolencia-em-fanon-e-florestan-por-paulo-henrique-fernandes-siqueira/>

[xxii] FERNANDES, Florestan. *O que é revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2018, p. 50.

[xxiii] FERNANDES, Florestan. Florestan Fernandes por Paulo de Tarso Venceslau. In: AZEVEDO, R.; MAUÉS, F. (Orgs.). *Rememória: entrevistas sobre o Brasil do século XX*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997, p. 23. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/rememoria-entrevistas-sobre-o-brasil-do-seculo-xx/>

[xxiv] LEITE, Paulo Moreira. *Entrevista: Florestan Fernandes [19950802]*. São Carlos: Fundo Florestan Fernandes (FFF). Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos, 1995, p. 13-15.

[xxv] Entre os programas sociais desenvolvidos pelos Panteras Negras estão as refeições gratuitas para jovens estudantes carentes e os atendimentos médicos comunitários. Sobre esse tema, conferir o livro: HILLIARD, David (Ed.). *The Black Panther Party: service to the people programs*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2008. Disponível em: <https://caringlabor.wordpress.com/> Influenciados pelos Panteras Negras, Steve Biko e o movimento da Consciência Negra também desenvolveram programas sociais na África do Sul: HADFIELD, Leslie. *Restoring human dignity and building self-reliance: youth, woman, and churches and Black consciousness community development*, South Africa, 1969-1977. Tese de Doutorado, Michigan State University, 2010. Disponível em: <https://d.lib.msu.edu/etd/10269>. Conferir também: SILVEIRA, Paulo. *Paulo Freire e Steve Biko, A Terra é Redonda*, 19/12/2021. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/paulo-freire-e-steve-biko/>

[xxvi] Na edição de 13 de dezembro de 1969 da revista *The Black Panther*, as principais lideranças dos Panteras Negras prestam homenagens aos militantes Fred Hampton e Mark Clark, assassinados em seus apartamentos por agentes da polícia. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/usa/pubs/black-panther/04%20no%202%201-20%20dec%2013%201969.pdf>

Nesse mesmo ano, Hannah Arendt publicou um ensaio a partir dos seus artigos redigidos para a grande imprensa em que analisa a violência estudantil nas universidades americanas: “A violência seria tomou conta da cena apenas com a aparição do movimento *Black Power nos campi*. Estudantes negros, a maioria dos quais admitida sem qualificação acadêmica, conceberam-se e organizaram-se como grupo de interesse, os representantes da comunidade negra.” ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994, p. 22. Na sequência do ensaio, Arendt critica a leitura que Fanon e os estudantes fizeram dos textos de Marx e Engels, pelo fato de tomarem o *lumpenproletariat* como uma classe social revolucionária e, mesmo assim, se afirmarem marxistas.

---

O site *A Terra é Redonda* existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[Clique aqui e veja como](#)